



ARTIGO/DOSSIÊ

TORTO ARADO: BUSCA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

MARIA MARCIA DA SILVA

Maria Marcia da Silva

Mestranda em Estudos Interdisciplinares da Linguagem, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Graduada em Letras (Português/Inglês), pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7184758552980133>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1610-983>.

E-mail: mariamarcia.silva@ufrpe.br.

Resumo: O presente artigo pretende desenvolver uma discussão da obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior. Os objetivos, no que concerne à temática, são discutir as perspectivas de identidade na obra, com enfoque na busca e construção identitária das personagens, e refletir sobre questões de pertencimento à terra e o papel da cultura na maneira de ser e viver dos personagens. A investigação adota uma abordagem qualitativa, uma vez que, por meio de uma revisão bibliográfica e da análise da obra, buscaremos elaborar reflexões e interpretações relativas à perspectiva crítica de Itamar Vieira. Para tal empreendimento, o percurso metodológico será a partir da análise da trama, através de autores como: Fanon (2008), Escosteguy (2010), Bhabha (1998) e Hall (2003). Por meio da pesquisa, foi possível perceber que a construção de identidade das personagens é constituída

pela história e pelo passado: a ascendência de pessoas negras escravizadas é reconstruída por meio coletivo, através do pertencimento à terra e à religião que partilham com seus ancestrais.

Palavras-chave: Identidade. Estudos Culturais. *Torto arado*.

Abstract: This article aims to develop a discussion of Itamar Vieira Júnior's work – *Torto Arado*. The objectives, with regard to the theme, are to discuss the perspectives of identity in the work, focusing on the characters' search for and construction of identity, and to reflect on issues of belonging to the land and the role of culture in the characters' way of being and living. The research adopts a qualitative approach, since, through a bibliographic review and analysis of the work, we will seek to develop reflections and interpretations related to Itamar Vieira's critical perspective. For this undertaking, the methodological path will be based on the analysis of the plot, through authors such as: Fanon (2008), Escosteguy (2010), Bhabha (1998) and Hall (2003). Through the research, it was possible to perceive that the construction of the characters' identity is constituted by history and the past: the ancestry of enslaved black people and reconstructed collectively, through belonging to the land and the religion that they share with their ancestors.

Keywords: Identity. Cultural studies. *Torto Arado*.

INTRODUÇÃO

“O sangue do passado corre feito um rio. Corre nos sonhos, primeiro. Depois chega galopando, como se andasse a cavalo”.

Vieira Jr.

Este estudo pretende traçar uma discussão acerca da construção de identidade na obra *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior. O romance publicado em 2019 recebeu o prêmio Jabuti de romance literário,

prêmio Jabuti de livro brasileiro publicado no exterior e o prêmio Oceanos. Vieira Júnior cativa os leitores pela maneira de descrever a realidade vivenciada pelas personagens, por meio de uma linguagem fluida, próxima da oralidade.

A narrativa é dividida em três partes, e cada uma delas é narrada em primeira pessoa por uma personagem diferente. De forma central, temos as duas protagonistas do romance: as irmãs Bibiana e Belonísia, e a entidade Santa Rita Pescadeira. Dessa forma, percebe-se a polifonia (Bakhtin, 2002) na obra, não só pelo foco narrativo, mas também pela forma como é dado o direito de voz às personagens em geral.

A parte inicial é narrada por Bibiana, as primeiras páginas já carregam uma espécie de clímax, pois a personagem narra um acidente ocorrido com ela e a irmã. Ao brincarem no quarto da avó paterna, encontram uma faca. Fascinadas com o brilho e a beleza do objeto, o colocam na boca e uma delas fica sem a língua e sem poder se comunicar verbalmente. Quando esse fato acontece, não fica claro ao leitor quem das irmãs teve o órgão perdido, pois a narrativa se assemelha à oralidade, não delineia de maneira direta os fatos, mas ao prosseguir a história entendemos que foi Belonísia, embora as marcas desse acidente sejam sentidas pelas duas, pois Bibiana torna-se a voz da irmã.

No decorrer da narrativa, o leitor conhece outros personagens importantes, como o pai das irmãs, Zeca Chapéu Grande, curandeiro da fazenda onde moram; Donana, avó das meninas; a mãe, Salustiana; Severo, paixão de Bibiana. Na primeira parte, conhecemos a vida dura dos personagens e a maneira como lutam para ter um futuro melhor. Ao terminar, Bibiana narra o amor entre ela e Severo, sua gravidez e quando resolvem fugir.

A segunda parte é narrada por Belonísia, observa-se a visão dela sobre o acidente e seus sentimentos em relação ao mundo por não conseguir se expressar verbalmente, assim, ela narra a fuga da irmã e o sentimento de solidão que a tomou depois desse fato. Por isso, resolveu morar com Tobias, homem que trabalhava junto com a sua família na fazenda. Porém, quando chega à casa que seria do casal, percebe que não será nada fácil — ele é um homem violento, grosseiro e bruto. A casa estava completamente tomada pela bagunça, sujeira e insetos.

Belonísia continuava se sentindo sozinha e sofria também com os maus tratos do marido. Como refúgio, conseguiu amizade com Maria Cabocla, mulher que morava nas redondezas, que sofria violência doméstica e a quem Belonísia ajuda quando o marido queria matá-la. A narradora conta sobre a volta da irmã com Severo e os filhos. Eles, com consciência política de seus direitos, passam a reivindicar a terra. A partir daí, acompanhamos algumas mortes, inclusive a de Severo, uma morte encomendada. Posteriormente, é possível perceber o ativismo através das ações das mulheres da obra, no caso, das duas irmãs: Belosínia e Bibiana.

A terceira parte é narrada pela entidade Santa Rita Pescadeira, que conta sobre as terras por onde passou e todas as crueldades que seus olhos viram e, a partir dela, conhecemos a história dos personagens de outra forma, como se lêssemos a partir de um narrador em terceira pessoa o contexto histórico, social e cultural dos ancestrais daquelas pessoas que, atualmente, estavam vivendo ali. Além disso, narra o motivo de ser uma entidade que Zeca Chapéu Grande tinha como cavalo. Carreira (2022) confirma que o foco narrativo muda de acordo com quem está narrando, pois ao ser narrada por Bibiana e Belonísia, a história tem uma visão dos

acontecimentos de forma limitada, mas com a entidade não, pois é onisciente.

Assim, a partir de uma visão geral da trama, o artigo será dividido em dois tópicos: no primeiro, pretende-se focar no conceito de identidade e suas considerações teóricas. O segundo tópico busca refletir sobre a construção de identidade em *Torto Arado*, trazendo questões sobre pertencimento à terra e o papel da etnia e da cultura no modo de ser e viver dos personagens. Para tal proposta, busca-se embasamento teórico-crítico dos autores Bhabha (1998), Fanon (2008), Escosteguy (2010), Hall (2003) e outros.

Por se tratar de um recorte específico, esta análise não pretende esgotar as múltiplas camadas da obra de Itamar Vieira Júnior, tampouco abordar em profundidade todas as personagens ou elementos estruturais do romance. O foco recai, especialmente, sobre a construção identitária sob a perspectiva narrativa de Bibiana, de modo a iluminar como sua trajetória e seu olhar articulam questões de pertencimento, ancestralidade e consciência política. A delimitação se justifica pela extensão e propósito do artigo, que visa contribuir pontualmente para a reflexão sobre identidade em *Torto Arado* sem a pretensão de abarcar toda a complexidade da narrativa.

IDENTIDADE: TEÓRICOS E CONSIDERAÇÕES

A constituição das identidades culturais tem sido temática central dos estudos culturais, principalmente pela influência de reflexões que versam sobre os temas de identidade, cultura nacional, raça, gênero, globalização, modernidade/pós-modernidade e pós-colonialismo. Ana Carolina Escosteguy (2010) contextualiza que o debate em torno da identidade se torna problemático teoricamente a partir da

modernidade, no momento em que as discussões sobre o sujeito e sua inserção na sociedade e a maneira com que constrói sua identidade pessoal, ou seja, como se percebe, se interpreta, se apresenta a si mesmo e aos outros, sob o deslocamento do indivíduo em relação ao seu lugar na vida social, gera tensão e instabilidade aos modos de vida já estabelecidos, isso faz com que a identidade cultural seja apta a questionamentos (Escosteguy, 2010).

Segundo Escosteguy (2010), há duas matrizes de debates acerca das identidades: essencialismo e construção social. A primeira dá conta de caracterizar a existência de certos grupos e/ou comunidades por meio do que seria uma categoria inata deles, a segunda, atribui a existência deles como um produto social. Estes termos ganham uma nova roupagem sob o ponto de vista de Larraín, autor citado por Escosteguy (2010); nesse caso, seriam teorias universalistas em oposição a teorias historicistas, respectivamente. A autora salienta que ambas podem ser posições preconceituosas, pois

A universalista ao enfatizar a verdade absoluta e continuidade histórica, descuida da especificidade do “outro” e tende a julgar as outras culturas sob princípios da sua própria; e a historicista, ao reiterar a especificidade, pode desenvolver uma construção do “outro” como inferior. (Escosteguy, 2010, p. 146)

Outro ponto importante que trouxe considerações para o conceito de identidade foi a globalização, por meio das mudanças ocasionadas nesse processo, a relação entre identidade cultural nacional e Estado-nação deixou de ser estável, assim, a representação da formação nacional por uma identidade nacional passou a ser tensionada. O desgaste dos principais estados da Europa ocidental no que diz respeito aos nacionalismos e, em

contrapartida, o fortalecimento das relações transnacionais e de identidade locais foram marcados por dois processos importantes: uma nova valorização de movimentos regionais e nacionais por autonomia, estes de grupos que sempre tiveram suas identidades preteridas, e, do outro lado, o crescimento de uma reação das culturas nacionais ao terem como ameaça o movimento periférico do seu próprio estado.

O Estado-nação, segundo Escosteguy (2010), foi endossado por Hall não apenas como entidade política, mas como uma formação simbólica, pois tem o poder de criar uma ideia de nação enquanto comunidade imaginada. Essa movimentação pró-nacionalismo é caracterizada por uma tentativa de construir formações étnicas fechadas, puras, se voltando para uma concepção de identidade nacional essencialista ou universal. Hall (2003), entretanto, contesta veementemente, pois os estados ocidentais são etnicamente híbridos, visto que houve produtos de conquistas e absorção de um povo por outro.

Escosteguy (2010) salienta que a política de representação tem efetuado uma movimentação dos sujeitos para uma busca de representação de si mesmos, os mesmos sujeitos posicionados nas margens. Dessa forma, a identidade se constitui como um espaço

onde um conjunto de novos discursos teóricos se interseccionam e onde um novo grupo de práticas culturais emerge. Trata-se de uma categoria política e culturalmente construída em que a diferença e a etnicidade são seus elementos constituintes; a experiência da diáspora se transforma em emblema do presente; a hibridação deixa sua marca e a fluidez da identidade torna-se ainda mais complexa pelo entrelaçamento de

outras categorias socialmente construídas, além das de classe, raça, nação e gênero. (Escosteguy, 2010, p. 156)

Essa constituição remete à máxima central dos debates em torno do conceito, as identidades não são finalizadas, em momento algum completas. É um permanente processo de constituição e discursos a partir do ponto de vista do outro.

Interessa, nesse estudo, a relação entre identidade e raça. Nessa especificação, Escosteguy (2010) contextualiza o fenômeno da mestiçagem, evidenciando que não é apenas um fenômeno racial, mas uma formação que reconfigura a memória e o imaginário “que remexem o indígena com o rural, o rural com o urbano, o folclore com o popular e o popular com o massivo” (Escosteguy, 2002, p. 161 *apud* Martín-Barbero, 1987, p. 10). Com isso, a identidade cultural latino-americana se trata dessa mestiçagem, de forma que as mais diversas culturas interagem, assim, o mix de culturas é o que faz dela única. No entanto, a autora conclui que a forma com que as identidades têm se constituído e aumentado corresponde ao desenvolvimento capitalista. Essa emergência de representação diz respeito ao estágio em que o capitalismo se tornou o modo de organização social.

Frantz Fanon (2008), por sua vez, traz a relação entre o sujeito negro e a linguagem, estabelecendo paralelos importantes nessa relação através da identidade. Ele disserta que o afrodescendente manifesta duas dimensões distintas: uma em relação aos indivíduos de sua própria etnia e outra diante dos brancos. Suas atitudes e comportamentos variam significativamente dependendo da interação com alguém de sua comunidade ou com uma pessoa branca. Essa dualidade é inegavelmente uma decorrência direta da experiência

colonial, e não se pode questionar que ela se alimenta das raízes das várias teorias que historicamente retrataram o negro como um estágio intermediário no desenvolvimento evolutivo. Estas são evidências objetivas que capturam a complexidade da realidade.

Desse modo, segundo Fanon (2008, p. 34), “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será”, este seria o pensamento do homem negro, numa tentativa de se afastar de sua raça.

Assim, a língua/linguagem impõe estar “em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon, 2008, p. 33). Dessa forma, ao falar, uma pessoa não apenas se comunica através de palavras, mas também expressa e carrega consigo os valores, tradições e bagagem cultural de sua sociedade. Essa visão enfatiza que a linguagem é um fenômeno complexo que reflete e molda a identidade cultural e social de quem a utiliza.

Nessa lógica, Fanon (2008) discute a ideia de que, para a população negra antilhana, a adoção da língua francesa está associada à ideia de se tornar mais “branco” ou mais próximo do “homem verdadeiro”. A frase sugere que a língua que uma pessoa possui influencia sua identidade e visão de mundo. Ao adotar a língua francesa, o texto argumenta que o negro antilhano pode se aproximar mais do ideal cultural ou social associado ao conceito de “homem verdadeiro”.

Embora o autor destaque o homem antilhano, reforça que a descrição feita em seu estudo se encaixa a qualquer homem colonizado, pois a relação entre povos colonizados e a influência da língua e cultura da nação colonizadora é ponto-chave. Quando

um povo é colonizado, ocorre frequentemente a supressão de sua originalidade cultural, resultando em um complexo de inferioridade. Esse sentimento surge devido à perda da identidade cultural própria, que é muitas vezes substituída pela cultura da nação colonizadora. O “sepultamento” da originalidade cultural representa a repressão dessa identidade em favor da cultura dominante.

O ponto central é que, diante dessa dinâmica, o povo colonizado toma uma posição em relação à língua da nação colonizadora, que é também a língua da cultura metropolitana. Isso indica que a escolha de adotar ou resistir à língua e cultura do colonizador é uma resposta consciente ou inconsciente por parte do povo colonizado. Assim, ele sugere uma interação complexa entre as culturas e destaca como a colonização pode moldar a relação entre a identidade cultural original e a cultura dominante. Para enfatizar as considerações feitas, o autor conta o exemplo do negro que sai das Antilhas para ir à França e, quando volta, adota uma linguagem que se distingue do lugar em que nasceu, isto, pois, representa um “deslocamento, uma clivagem” (Fanon, 2008, p. 40).

Homi K. Bhabha (1998, p. 76) salienta que existir é “ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar, seu lócus”, desse modo, a identidade se constrói através da relação com o outro. Nessa contextualização, o autor exemplifica por meio da relação nativo e colono: quando o colono olha para o nativo, vê a possibilidade de que ele tome seu lugar, então se estabelece na defensiva. Bhabha (1998) enfatiza que é evidente que o nativo sonha em estar no lugar do colono, e é justamente esse lugar que interessa, pois é em relação ao lugar do outro que o desejo colonial se articula. O lugar entre o Colonialista e o Colonizado é onde se

firma a figura da alteridade colonial, e é justamente neste cerne que a questão da identidade colonial emerge.

Chimamanda Ngozi Adichie (2019) traz uma pauta importante ao destacar que a história única tem ligação direta com poder, pois “é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa” (Adichie, 2019, p. 12). Desse modo, a criação de estereótipos se estabelece e eles se tornam verdadeiros no imaginário das pessoas, é o que acontece com os estereótipos criados acerca da população negra.

Segundo Bhabha (1998), o estereótipo se configura como estratégia discursiva, é a identificação permanente e repetitiva, como se a criação de imagens de duplicidade essencialista das pessoas asiáticas ou o imagético de selvageria e liberdade sexual das pessoas africanas não precisassem ser provadas, e, ao mesmo tempo, não conseguem ser provadas no discurso, assim, há uma ambivalência. Portanto, é essa dualidade que fortalece o estereótipo e garante certa validade, “produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente” (Bhabha, 1998, p. 106).

Dessa forma, a identidade é uma busca contínua e está constantemente em construção, se relaciona com o presente e o passado, é histórica, e, por isso, não é fixa, ocasiona movimentação.

BUSCA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Por meio da construção de identidade e de estereótipos, a literatura se insere como importante difusor. O romance abordado nesse estudo, *Torto arado* (2019), mostra uma construção que

foge de prerrogativas de estereótipo de pessoas negras enquanto promíscuas, libidinosas ou fora da lei. Há sensibilidade na construção de identidade das personagens. Com leveza, Vieira Jr. (2019) faz com que o leitor conheça aspectos diversos da negritude e o que compõe o imaginário daquele povo. Os personagens são descendentes de africanos escravizados, estão em um lugar chamado Água Negra, trabalhando para terem onde morar, mas sem remuneração adequada, de forma que vivem, de certa forma, escravizados também.

A própria Rita Pescadeira enfatiza que “os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores” (Vieira Jr., 2019, p. 180). Veja-se que o nome dado ao lugar não é à toa, trata-se de um lugar de sofrimento, um lugar ignorado, desassistido socialmente, onde as pessoas vivem escravizadas. O espaço representa as pessoas que ali vivem e vice-versa. O título do romance, por sua vez, é um jogo de palavras entre o arado velho do pai das protagonistas e a fala torta e arrevesada que é emitida pela segunda protagonista.

Quando ocorre o acidente entre as irmãs, em que uma perde a língua, impõe-se a necessidade de terem que ir ao hospital. Ao viverem naquela área rural, pouco saíam de lá, apenas em ocasiões graves, como aquela. Nesse episódio, Bibiana percebe o olhar das pessoas em relação à sua família:

No hospital, demoramos a ser atendidas. Nossos pais estavam encolhidos em um canto ao nosso lado. Vi as calças sujas de terra que ele não teve tempo de trocar. Minha mãe tinha um lenço colorido amarrado na cabeça. Era o mesmo lenço que usava embaixo do

chapéu que levava para se proteger do sol na roça. Ela limpava nossos rostos com peças da trouxa de roupa, a cada momento com um novo tecido com cheiro de guardado, e que não conseguia identificar. Meu pai ainda segurava a língua envolta na mesma camisa. As folhas estavam guardadas nos bolsos de sua calça, talvez por vergonha de o apontarem com desdém como feiticeiro dentro daquele lugar que ele não conhecia. Foi o primeiro lugar em que vi mais gente branca que preta. E vi como as pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem se aproximar. (Vieira Jr., 2019, p. 14)

A forma com que o pai das irmãs esconde sua maneira de viver, ou seja, escondendo as folhas no bolso para que não o apontem como feiticeiro, já estabelece o estereótipo correspondente a pessoas negras de religiões de matrizes africanas, que são vistas como feiticeiras, macumbeiras. Na ocasião, Zeca Chapéu Grande escondeu sua subjetividade para não evidenciar ainda mais o olhar daquelas pessoas brancas, que viam sua família como primitiva, os outros. Na continuação do relato:

Quando o médico nos levou para a sala e meu pai lhe mostrou a língua como uma flor murcha entre as mãos, vi sua cabeça balançar num sinal de negação. Vi também o suspiro que deu ao abrir nossas bocas quase ao mesmo tempo. Ela terá que ficar aqui. Terá problemas na fala, para deglutir. Não tem como reimplantar. Hoje sei que se diz assim, mas à época nem passava por minha cabeça o que tudo aquilo significava, e muito menos na cabeça de meu pai e de minha mãe. (Vieira Jr., 2019, p. 14)

Além da visão daquelas pessoas negras enquanto selvagens, a falta de sensibilidade em explicar os termos técnicos mostra a visão de disparidade do eu, sujeito branco, civilizado, médico, e do

outro, sujeito negro, não civilizado, rural, que não tem a capacidade de entender mesmo se tentasse explicar, visão eurocentrada de inferiorização do sujeito que não está localizado no mesmo lugar do branco. Assim, não se concebe a necessidade de explicar.

A narrativa contempla a identidade forjada em dois moldes: primeiro, a visão dos brancos — do colonizador, sobre os trabalhadores negros da fazenda:

A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam na terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esqueçamos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam. Mas havia os fazendeiros e sitiantes que cresceram em número e que exerciam com fascínio e orgulho seus papéis de dominadores, descendentes longínquos dos colonizadores; ou um subalterno que havia conquistado a sorte no garimpo e passava a exercer o poder sobre outros, que, sem alternativa, se submetiam ao seu domínio. (Vieira Jr., 2019, p. 46)

A família Peixoto sequer morava na fazenda, mas marcava o território como donos de uma terra que nem produziam. Aquelas pessoas eram como escravizadas, sob o domínio do colonizador que prestou o serviço de dar guarida e uma maneira de que pudessem produzir sua própria comida, porque nem salário aquelas pessoas mereciam. As pessoas de Água Negra eram “os outros” para a família Peixoto e para os fazendeiros que abocanharam o lugar de dominadores.

Em outro trecho, fica evidente o lugar em que a família de Bibiana se colocava:

Quem acompanhasse sua *vida* [Zeca Chapéu Grande] *de lida na terra* ou a seriedade com que guardava as *crenças do jarê*, acharia que eram os bens maiores de

sua existência. Mas *peessoas como nós*, quando viam o orgulho que sentia dos filhos aprendendo a ler e do valor que davam ao ensino, saberiam que esse era o bem que mais queria poder nos legar. (Vieira Jr., 2019, p. 56, grifos nossos)

Ao mesmo tempo em que há uma valorização do personagem [Zeca Chapéu Grande], no que concerne ao trato com a terra e suas crenças, parte fundamental de sua identidade enquanto morador daquela fazenda; quando a narradora expressa “*peessoas como nós*”, ela se coloca em um lugar de inferioridade em relação ao colonizador. Nesse contexto, a educação é a contribuição para que eles possam ter alguma valia, porque sem ela, não seria possível.

Além dessa visão colonizadora, que incide sobre os personagens, há o segundo molde em que essa identidade é forjada, a visão que é construída a partir do conhecimento trazido por Bibiana e Severo. Em alguns trechos, é possível perceber a importância que aquele aprendizado estava afetando na maneira de se verem e se entenderem naquele microcosmo:

Eu tentava me concentrar depois, para aprender sobre o que Severo contava. Que chegou um branco colonizador e recebeu a dádiva do reino. Chegou outro homem branco com nome e sobrenome e foram dividindo tudo entre eles. Os índios foram sendo afastados, mortos, ou obrigados a trabalhar para esses donos da terra. Depois chegaram os negros, de muito longe, para trabalhar no lugar dos índios. Nosso povo, que não sabia o caminho de volta para sua terra, foi ficando. (Vieira Jr., 2019, p. 157)

A citação contextualiza a invasão de território pelos brancos e a subalternização de outros povos e, nesse caso, especifica as pessoas negras que vieram do continente africano, mas não vieram de forma

amigável, mas forçada, o que o trecho deixa implícito. Ficaram por não saberem como voltar, esse trecho sinaliza, também, algo tratado por Hall (2003) em relação à identidade cultural na diáspora, ou seja, nesse lugar da migração, mesmo sendo uma migração forçada, o não lugar dessas pessoas, que deixou de ser o de sua origem e passa a ser o lugar do colonizador, e nessa lógica, acaba sendo lugar nenhum, ou um lugar criado a partir do pertencimento ao grupo e à terra, como é o caso das personagens, como salientado nesse trecho:

Era o medo de quem foi arrancado do seu chão. Medo de não resistir à travessia por mar e terra. Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante, dos espíritos daquela gente. Medo de andar, medo de desagradar, medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor. Que não gostassem de seus filhos, das cantigas, da nossa irmandade. Aonde quer que fôssemos, encontrávamos um parente, nunca estávamos sós. Quando não éramos parentes, nos fazíamos parentes. Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer. Por isso espalhavam o medo. Eu fui apanhando cada palavra da fala de Severo, das muitas vezes que o vi contar, para guardar em meu pensamento. (Vieira Jr., 2019, p. 159)

Apesar dos medos, o fato de terem um grupo, pessoas com quem partilham cultura, poderiam sobreviver a todas as atrocidades vivenciadas na colonização. No que concerne ao pertencimento à terra, Salustiana, mãe das protagonistas, ao ser questionada a sair daquelas terras, afirma:

Eu pari esta terra. Deixa ver se a senhora entendeu: esta terra mora em mim, bateu com força em seu peito, brotou em mim e enraizou. Aqui, bateu novamente no

peito, é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. (Vieira Jr., 2019, p. 204)

A força de suas palavras ressoa na população que sente o mesmo, que está junta, que é daquela terra assim como a terra é deles, que trabalhou a vida inteira, plantou suas vidas e estava sentenciada a morrer nela, mesmo sem o entendimento dos brancos.

Um dos pontos centrais na construção de identidade na obra é o momento em que Bibiana se afirma enquanto pessoa quilombola:

Questionaram sobre o papel dela na desordem que relatavam na fazenda. Disse que era professora, casada por muitos anos com um militante. Disse que era quilombola. Escutou que ninguém nunca havia falado sobre quilombo naquela região. *Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas*, disse, tranquila, diante do escrivão e do delegado. (Vieira Jr., 2019, p. 228, grifos nossos)

A afirmação de identidade não vem sozinha, mas com a carga da história daquele povo, ela não fala apenas por si, mas por todas as pessoas que formavam a fazenda de Água Negra, bem como a constituição enquanto pessoas negras: “Mas espelho mesmo, acessível para nos observarmos, era apenas o espelho d’água dos rios com seu líquido escuro e ferruginoso, onde nos víamos negras num espelho também negro, talvez criado exatamente para nos descobrirmos” (Vieira Jr., 2019, p. 27). Ao se verem nas águas, podiam se entender como pessoas negras e se reconhecer a partir da diferença (Escosteguy, 2010). Esse reconhecimento envolve a compreensão de que a identidade é construída em relação ao outro. Este reconhecimento não é apenas aceitar a diversidade, mas também entender que nossas identidades são moldadas e definidas pelas interações e diferenças com os outros.

Assim, é apenas depois que Bibiana volta para a fazenda que a comunidade começa a mudar por ganhar consciência política, especialmente sobre suas identidades. A autodenominação daquelas pessoas como quilombolas é um ponto simbólico na construção de suas identidades, uma vez que nomear é uma das formas de conferir direito à existência. Portanto, a identidade cultural da comunidade é construída de maneira coletiva, de acordo com o envolvimento de cada personagem no processo de ressignificação da história.

Dessa forma, segundo Fernandes (2021), por meio de referências históricas, da memória coletiva e das tradições da comunidade, é possível compreender a construção da identidade cultural. O romance, portanto, configura-se como um instrumento político ao abordar pautas e questionamentos essenciais, mas ainda pouco explorados na literatura. *Torto Arado* (2019) contribui para uma reflexão crítica da sociedade ao apresentar quem são e como vivem suas personagens no cenário fictício de Água Negra.

Embora a narrativa seja dividida em três fases, simbolicamente podemos estruturá-la em duas grandes partes: antes e depois da saída de Bibiana e Severo. Os habitantes daquela terra sempre tiveram consciência das injustiças e dos maus tratos impostos pelos proprietários, mas não vislumbraram muitas perspectivas de mudança. Ao deixar esse espaço, Bibiana conquista a liberdade pelo conhecimento — ela estuda, torna-se professora e acompanha Severo, um militante das causas dessa população. O retorno do casal representa um marco simbólico para a comunidade, que renasce com uma nova consciência de identidade, cultura e etnia. A partir desse momento, os moradores passam a insurgir contra as práticas opressoras do fazendeiro e de seus capatazes.

Esses aspectos dialogam com Frantz Fanon (2019, p. 22), que afirma: “um homem que possui a linguagem possui, por conseguinte, o mundo expresso por essa linguagem e implicado por ela. Pode-se ver onde queremos chegar: existe no domínio da linguagem uma potência extraordinária”. Ao se apropriarem do conhecimento e da linguagem que ele proporciona, os personagens passam a reivindicar aquilo que lhes pertence.

Bibiana e Severo retornam mais confiantes, fortalecidos e corajosos. A palavra torna-se sua principal ferramenta de conscientização, transmitindo verdades, sentimentos, memórias e revoltas comuns a todos da comunidade. É nesse compartilhamento de experiências que se dá o despertar coletivo para a compreensão de si e de seu lugar no mundo — e, consequentemente, para a força necessária à luta. Essa construção dialoga fortemente com o que Escosteguy (2010) denominou como exercício da cidadania, pois

ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades. (Escosteguy, 2010, p. 186-187 *apud* Canclini, 1995b, p. 22)

Ademais, Hall (2003) evidencia uma questão primordial no que tange à discussão de identidade negra, o fim da visão inocente do sujeito negro e da noção de um sujeito negro universal, os corpos raciais são diferentes e constituem uma vasta gama de subjetividades, reduzir as pessoas negras a uma coisa só é uma noção simplista e pouco condizente com a realidade plural de vivência de identidade desses corpos.

O romance, por sua vez, compreende a vivência negra enquanto diversa ao conduzir a narrativa apontando para masculinidades e feminilidades negras que compõem histórias múltiplas, mesmo as personagens chegando a um eixo de identidade correspondente: serem quilombolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de identidade cultural no romance é feita de forma coletiva, de acordo com o envolvimento de cada personagem no processo de ressignificação da história, através de referências históricas, da memória coletiva e das tradições da comunidade. As marcas identitárias na vida dos personagens enquanto indivíduos e comunidade são permeadas pelas questões intrínsecas à raça, como a ancestralidade e o laço de pertencimento ao espaço. Nessa linha, o reconhecimento desses traços é o que motiva a reivindicação dos direitos mediante ações de resistência que ocorrem de forma passiva, como na preservação dos encontros religiosos no Jarê, ou de forma ativa, através da mobilização e ações de luta coordenadas por Severo e, posteriormente, pelas irmãs Bibiana e Belonísia.

Segundo Hall (2003), os três grandes pilares de sustentação da identidade e da cultura nacional são a história, a língua e a literatura. Foi possível perceber em *Torto Arado* que, talvez, estejamos construindo uma identidade e cultura nacional mais condizente com a pluralidade e com a real formação brasileira, de pessoas negras que foram escravizadas e, que, em muitos lugares do Brasil, ainda vivem uma espécie de nova escravidão. A obra abarca a luta e a resistência de um povo que formou o país, e, se a literatura é um desses pilares de identidade, que a história de Bibiana e Belonísia nos recorde as raízes de onde viemos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Série Humanitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, n. 24, 1998. 1998. (Série Humanitas, 24).
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Manifestações do insólito em Enclausurado e Torto Arado*. Revista Abusões, n. 17, v. 17, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/abusoes/article/view/60926>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Joyce. *O legado traumático da escravidão em Torto Arado*. In: *Revista Entrelaces*, n. 23, v. 11, p. 229-248, jan./mar., 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/58674>. Acesso em: 19 set. 2025.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.